

O INTERNACIONALISMO DEMOCRÁTICO METROPOLITANO EM PARIS (FRANÇA), MADRID (ESPAÑA), SÃO PAULO (BRASIL) E BUENOS AIRES (ARGENTINA).

Apresentação

Em viagem à Europa, em 1985, durante os meses de agosto e setembro, visitamos, como simples observador, as cidades de Paris, Lyon, Madrid, Lisboa, Gêneze, Firenze, Roma, Venezia, Bonn e London. Foi uma viagem com recursos próprios em ano sabático de curso de Pós-Graduação, que não foi feita a trabalho e nem como turista. Pudemos, assim, dispor de tempo livre o suficiente para observarmos essas cidades e seus habitantes, numa época de férias locais, em que é grande o número de estrangeiros em cada país.

Em contrapartida aos Estados Unidos, lugar do presente, a Europa ressalta desde logo como o lugar da História. Grande parte da identidade continental e insular repousa no passado, que está fortemente refletido na arquitetura e no urbanismo europeus. No entanto, em nossa viagem, estivemos com a atenção voltada para as manifestações do moderno. Este, aparece nas vitrines, no interior dos hotéis, bancos, restaurantes, aeroportos etc., e na presença intensa dos turistas, numa primeira vista.

Ao contrário do cosmopolitismo norte-americano, com sua homogeneização própria de uma avançada sociedade de consumo, nas cidades europeias que visitei, julguei ver o que denominei de "internacionalismo democrático metropolitano".

O internacionalismo, que faz parte da tradição europeia, tem origem no século XIX, quer no que diz respeito aos fluxos de mercadorias, quer nas aspirações de emancipação dos trabalhadores, apesar das fortes e características realidades nacionais. Mais recentemente, esse internacionalismo revela-se na presença de migrantes do próprio Mercado Comum Europeu e do Terceiro Mundo.

Não obstante, a Europa apresenta manifestações de cosmopolitismo e do que vem sendo chamado de "mundialização da economia" do momento atual. Torna-se necessário, portanto, conceituar o internacionalismo, o cosmopolitismo e a mundialização.

Democracia é hoje e agora uma temática mundial, que abrange todo o globo, passando por países socialistas, capitalistas e pelo Terceiro Mundo. Trata-se, ao mesmo tempo, de uma descoberta e de uma redescoberta. Para grande parte da humanidade hoje, o futuro é representado por conquistas que resolvam questões de necessidade e liberdade num contexto democrático renovado.

As metrópoles atuais são o lugar mais típico de ocorrência do internacionalismo, cosmopolitismo e mundialização, sendo necessário caracterizá-las. Também são o lugar onde são mais intensas as reivindicações das populações.

Tentativa de Conceituação

A história do internacionalismo o apresenta como uma orientação política de oposição ao nacionalismo - sendo que este almeja de preferência o sentimento de pátria - e que tem por objetivo a aliança de classes sociais. É uma relação entre nações, através de classes sociais.

Nesse sentido é que foi definido por Karl Marx. "O Manifesto Comunista" proclamou a solidariedade de interesses e sentimentos das massas trabalhadoras do mundo inteiro, olhou os governos nacionais e o sentimento de patriotismo que eles alimentam como desvios da luta de classes do capitalismo para subjugar o proletariado, dividindo-o, e baseou o movimento socialista moderno na palavra de ordem "Trabalhadores de todo o mundo uni-vos". A vitória significaria a abolição da classe e por isso a completa unidade da humanidade".¹

Um dos objetivos do internacionalismo é a paz mundial, um mundo sem guerras entre povos e nações.

A Liga das Nações, organizada após a 1ª guerra mundial, pode ser caracterizada uma manifestação de internacionalismo, apesar de suas contradições. É o sentido do ideal de uma organização de nações "que incluiria dentro de si sociedades nacionais constituídas controladas de cima mas dotadas de funções e vitalidade independentes".²

A Liga das Nações fracassou em seus objetivos. Só após a 2ª guerra mundial, com a derrota do fascismo e do nazismo, a Organização das Nações Unidas pôde representar outra manifestação de internacionalismo. Com o processo de descolonização do mundo e a vitória dos Aliados contra os países do Eixo, a ONU, a partir da década de 60, apresentou um caráter democrático e progressista, que são também componentes do ideal internacionalista.

Enquanto o internacionalismo fundamenta seus propósitos no social, o cosmopolitismo vai buscar raízes no individualismo. Assim, "A natureza do cosmopolitismo é fundamentalmente afetada pelo ideal de cidadania que o potencial cosmopolita deriva de seu pequeno grupo social e transfere para uma ampla solidariedade".³

¹ Brailsford, H.N. (1967) "Internationalism" in Encyclopaedia of the Social Sciences, Volume VIII, The MacMillan Company, New York.

² Idem.

³ Boehm, M.H. (1967) "Cosmopolitanism" in Encyclopaedia of the Social Sciences, Volume IV, The MacMillan Company, New York.

Esse individualismo pode significar a indiferença ante a cultura, os interesses e/ou soberania nacionais, com a alegação de que a pátria de todos os homens é o Universo. O cosmopolita é, desse modo, um indivíduo que se auto-proclama cidadão-do-mundo e que pode viver ora num país, ora noutra, adotando-lhes com facilidade os usos e costumes.

Por isso, "Cosmopolitismo" significa uma atitude mental que impele o indivíduo a substituir seu afeto a sua pátria mais imediata e relações correspondentes para o mundo todo, que ele vem a olhar como uma maior e mais importante pátria. Ao distinguir o cosmopolitismo dos conceitos semelhantes, internacionalismo e universalismo, é essencial recordar que o mundo recebeu seu significado definitivo na Antiguidade, e que sua aceitação em línguas modernas, nas quais ele passa por uma palavra emprestada do grego, teve maior duração durante a Ilustração. Está assim inextricavelmente associado com a história dessas duas épocas".⁴

Durante algum tempo, o internacionalismo de origem européia predominou no mundo, apesar dos conflitos mundiais. Com a vitória do "socialismo em só país", na Rússia, depois das divergências surgidas no interior da IIª Internacional, o internacionalismo começou aos poucos a entrar em declínio. Nesse sentido original, entrou em conflito com o cosmopolitismo, considerado por muitos uma ideologia das potências imperialistas, particularmente os Estados Unidos, onde o cosmopolitismo mais se desenvolveu e difundiu.

Contudo, "É de notar que o capitalismo, apesar de ser um sistema que tende à universalização, deteve-se em sua geografia, como unidades constituintes, nos limites dos Estados nacionais. O socialismo estabeleceu-se também nos limites destes Estados, reconstituindo o território de vários povos em repúblicas, como é o caso da URSS. Isto é, manteve-se a forma República e o Estado nacional".⁵

Pode-se dizer hoje, que o internacionalismo e o cosmopolitismo, tal como se originaram e difundiram, constituem uma herança do passado. E, muitos autores, em diversos países, falam em mundialização, um processo que se superpõe ao cosmopolitismo e ao internacionalismo, com, entretanto, características de ambos.

Então, "A universalização do mundo pode agora ser constatada nos fatos. Universalização da produção, incluindo a produção agrícola, dos processos produtivos e do marketing; universalização das trocas; universalização do capital e de seu mercado; universalização da mercadoria, dos preços e do dinheiro como mercadoria-padrão; universalização das finanças e das dívidas; universalização do modelo de utilização dos recur

4 Ibidem.

5 Silva, Armando C. da (1984) Formação do Território Político na África, Orientação, Instituto de Geografia, nº 5, São Paulo.

sos por meio de uma universalização relacional das técnicas; universalização do trabalho, isto é, do mercado do trabalho e do trabalho improdutivo; universalização do ambiente das firmas e das economias; universalização dos gostos, do consumo, da alimentação; universalização da cultura e dos modelos de vida social; universalização de uma racionalidade a serviço do capital erigida em moralidade igualmente universalizada; universalização de uma ideologia mercantil concebida do exterior; universalização do espaço; e universalização da sociedade tornada mundial e do homem ameaçado por uma alienação total.

"Vive-se num mundo em que a lei do valor mundializado comanda a produção total, por meio das produções e das técnicas dominantes, aquelas que utilizam esse trabalho científico universal previsto por Marx. A base de todas essas produções é também universal, e sua realização depende doravante de um mercado mundial.

"Será que essa mundialização é completa? Para muitos, não haveria, por exemplo, mundialização das classes sociais (V. Navarro, 1982 e A. Bergensen, 1980, p. 10) nem uma moralidade universal, ainda que fosse a moralidade dos Estados. Se as firmas multinacionais criam em toda a parte burguesias transnacionais (R.L. Sklar, 1976), e se instituições de natureza semelhante estão presentes em todos os países, as classes são ainda definidas territorialmente, assim como as aspirações e o caráter de um povo ainda o são em função das heranças históricas. Os Estados, cujo número se multiplicou devido às novas condições históricas, constituem um sistema mundial; mas individualmente eles são, ao mesmo tempo, uma porta de entrada e uma barreira para as influências exógenas. Sua ação, embora autoritária, assenta nas realidades pré-existentes e por isso jamais induz uma mundialização completa das estruturas profundas da nação. Mas isto não basta para impedir que se fale de globalização. Hoje, o que não é mundializado é condição de mundialização." ⁶

A mundialização é um fenômeno novo e é difícil apreender o seu significado, a não ser em termos de um período técnico-científico que se iniciou na década de 50. ⁷

Ela tem raízes no cosmopolitismo e no internacionalismo do passado, mas representa uma nova configuração das relações entre as nações e entre as classes. É nesse sentido que se pode falar de um "internacionalismo democrático metropolitano". E, na Europa, ele tem muito a ver com a criação da Comunidade Econômica Européia e seu significado atual.

⁶ Santos, Milton (1984) A Geografia e a nova dimensão do planeta, Rev. Bras. Tecnol., Brasília, v. 15 (5).

⁷ Idem.

"A CEE foi a alternativa européia para o reequilíbrio de forças que a Segunda Guerra promoveu. Foi criada para suprimir todas as fronteiras entre os países-membros; permitir a livre circulação dos homens, das mercadorias e dos capitais; revitalizar os mercados, em se respeitando as regras da concorrência leal e garantir que as regiões, setores ou populações menos favorecidas tivessem direito à solidariedade comunitária. Não faltam razões para que uma parcela significativa dos britânicos não queira abandoná-la. Não bastassem as conquistas nos planos econômico e institucional (com a criação do Parlamento Europeu), é preciso lembrar dois fatores importantes de coesão: 1 - os europeus não se ameaçam entre eles, pois têm o mesmo regime político e social, não animam mais conflitos territoriais ou religiosos e constituem um conjunto econômico razoavelmente homogêneo e 2 - permanecendo unidos, os países conseguem maior eficácia econômica e podem consagrar maiores recursos à sua defesa".⁸

No entanto, essa parece ser uma visão abstrata que não se refere nem à influência do internacionalismo, nem à da mundialização. No primeiro caso, as reivindicações das classes sociais, que não cessaram de existir e, no segundo, os problemas decorrentes da universalização a que se referiu antes.

O internacionalismo democrático metropolitano representa uma realidade que não é só européia. É a suposição de que se parte, pretendendo-se o seu estudo em quatro metrópoles diferenciadas: Paris, Madrid, São Paulo e Buenos Aires.

Essas metrópoles foram escolhidas por conveniência de pesquisa e acesso.

Contudo, o que define uma metrópole hoje não é, como no passado, a dimensão física e o volume de população, como o fez a Geografia na tradição dos Estudos de Geografia Urbana. Uma metrópole agora se define por ser um lugar em que se concentram meios técnicos e científicos que centralizam enormes recursos financeiros e de comunicação avançada. Por isso, cidades do porte de Dallas, nos Estados Unidos, ou Zurich, na Suíça, são metrópoles. É que ao fenômeno metropolitano tradicional de grande aglomerado urbano juntou-se o efeito da modernização. Nesse sentido, a mundialização da economia desenvolve-se muito mais na esfera da circulação (consumo e lazer) do que na esfera da produção. A produção é necessariamente localizada, enquanto os fluxos alcançam todos os lugares do Globo. A quantidade e a velocidade dos fluxos acentuam as relações entre os lugares, sejam regiões, nações ou grandes espaços (Paul Claval).

⁸ Marques Filho, L. (1987) Comunidade Européia faz 30 anos sem atingir objetivos in Folha de São Paulo, 22/03/87, pg. A-42.

Daí, que se pode falar numa nova modalidade de internacionalismo (democrático), que se deseja estudar.

Mas, não se pretende fazer Geografia Política ou Geografia Urbana. Na realidade, a dimensão deste trabalho pode ser definida como uma Geografia do Homem Contemporâneo, um capítulo da antiga Geografia da População, assunto que estamos desenvolvendo em nossa atividade acadêmica no Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Geografia e Internacionalismo

A Geografia, em sua formulação denominada moderna, com Humboldt e Ritter, tem uma tradição muito mais ligada ao Universalismo⁹ (de influência universitária e religiosa) do que ao Internacionalismo, embora a Nação surja desde cedo nos escritos geográficos.

É primeiro com Ratzel - a preocupação com o Estado - e, depois, em Vidal de La Blache e seus seguidores, que a questão vai aparecer. É que os escritos clássicos referem-se quase sempre à superfície da Terra e ao conjunto dos habitantes do planeta, em várias acepções. Os trabalhos de Vidal de La Blache, inclusive os sobre a França, procuraram acentuar mais a riqueza humana regional do que as relações internacionais.

Um trabalho de fase posterior deve ser citado, o de Camille Vallaux sobre o mar, assim como algumas obras de Geografia Política.

Hartshorne e Pierre George desenvolveram obras sobre o Estado nacional. O primeiro, através da diferenciação de áreas; o segundo, através de monografias e outros estudos.

Mas, parece ser só após a segunda-guerra mundial que se desenvolveram trabalhos que tratam do internacionalismo. Seriam os casos da obra de Paul Claval sobre Região, Nações, Grandes Espaços. Ou de Milton Santos sobre o Terceiro Mundo.

Como o que se pretende aqui é apenas a identificação do problema e não uma retrospectiva histórica, cabe considerar que a tradição até hoje - da Geografia, tem sido muito mais o estudo do lugar (espaço) do que o da relação entre lugares.¹⁰ É preciso que se diga, não obstante, que o lugar tornou-se atualmente um espaço humano de convivência de estrangeiros e nacionais, através da mundialização da economia. Isto se relaciona com a cultura: na Europa é comum muitas pessoas possuírem uma segunda língua, ou várias, o que está acontecendo também em outras par-

9 Wallerstein, I. (1985) O Capitalismo Histórico, tradução de Denise Bottmann, Ed. Brasiliense, São Paulo.

10 O conceito de lugar adotado aqui é o de um complexo de relações de localização determinadas. Cf. "As Categorias como Fundamentos do Conhecimento Geográfico" in Reynaud, A. et alii, O Espaço Interdisciplinar, Livraria Nobel S.A., 1986, São Paulo.

tes do mundo.

O internacionalismo democrático metropolitano, que se preten-
de estudar, de formação recente, não parece ter sido objeto de muita apre-
ciação pelos geógrafos. É uma questão a verificar.

O Método

O método a ser utilizado é o fenomenológico-ontológico-estrutu-
ral, numa versão própria (Cf. Anexo).

Trata-se do estudo da aparência, do ser e da forma (no senti-
do particular de modo). Em Geografia o "ver" é decisivo. Mas, conforme se
argumenta, trata-se de um ver interior, através da teoria, em que a per-
cepção é uma mediação, como espaço vivido, entre o entendimento e o real
exterior. Daí o aspecto fenomenológico.

Trata-se de "um novo modo de ver" em que os conteúdos da cons-
ciência passam a ser considerados neles mesmos, independentemente de per-
tencerem ao plano real ou imaginário, impossível ou ideal. Essa atitude
permite que o sujeito apreenda o puro "fluxo vivido" podendo descrevê-lo
tal qual se apresenta à intuição. A consciência tem, então, uma intenciona-
lidade, sendo consciência de. Deve-se tentar, na medida em que a fenome-
nologia pode ser considerada uma teoria do sujeito, apreender a forma real
e a forma aparente, o conteúdo real e o conteúdo aparente, ao nível das
idéias, dos sentimentos, das representações, do comportamento e, principal-
mente, da vivência. Conforme Husserl, a fonte última legítima de todas as
afirmações racionais é o ver, ou, também como se expressa, a consciência
que põe originalmente. É preciso avançar para as próprias coisas.¹¹

Em Geografia algumas tentativas bem sucedidas de fenomenolo-
gia têm sido realizadas por Y-Fu -Tuan, Anne Buttimer, Paul Claval e Toni-
no Bettanini, embora não necessariamente com esse objetivo.

Mas, apenas o estudo da aparência não é suficiente. Foi, em
grande medida o que fez, com originalidade, a chamada agora Geografia Tra-
dicional. Daí, o momento ontológico, que se subdivide no primeiro instante
como hipótese, no segundo como busca ôntica e, no terceiro, como ontologia
analítica. É uma variante moderna da abordagem ontológica tradicional, embo-
ra se trabalhe também com a idéia. Por isso, com o sujeito, mais na perspec-
tiva da liberdade do que na ótica da necessidade.

O estudo da aparência, que se aprofunda no estudo do ser, de-
ve expor-se, posteriormente, como forma ou modo (que remete ao método).
A busca da forma em movimento põe em questão a historicidade do real, que
tem uma resposta própria em Geografia.

¹¹ Silva, Armando C. da (1987) Fenomenologia e Geografia, Revista Orienta-
ção, nº 7, IGEOG-USP, São Paulo.

A Pesquisa

O trabalho abrange entrevistas, leituras de periódicos, livros, jornais, semanários, revistas, sem deixar de lado a obtenção de dados estatísticos sobre principalmente turismo, migrações e permanência de estrangeiros nas quatro metrópoles mencionadas.

Será importante, também, assistir à TV e ouvir rádio, assim como será imprescindível visitar bibliotecas e livrarias.

Como é intenção operar com a indução amplificadora, entre outros recursos (que permitem a realização de insights abstratos) o universo da pesquisa parece muito amplo e diversificado, mas o trabalho é factício no prazo previsto que é o de um ano e meio (abrangendo Paris, Madrid e Buenos Aires).

Pós-Doutorado

O projeto e a documentação apresentada têm por objetivo justificar a obtenção de um auxílio de pós-doutorado, assim como as passagens aéreas São Paulo-Paris, Madrid-São Paulo, São Paulo-Buenos Aires (esta última de ida e volta), sendo dirigido à FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo).

O período previsto é o de 1º de setembro de 1988 a 30 de agosto de 1989 (para uma primeira etapa). A segunda etapa, como prorrogação da bolsa, refere-se ao período setembro de 1989/fevereiro de 1990.

A pesquisa sobre São Paulo, no retorno de Buenos Aires, será feita com recursos próprios, sendo que o projeto tem a duração de 3 anos.

Cronograma da primeira etapa (sujeito a alterações)

01/09/1988: chegada a Paris (França).

Hospedagem em Studio da Cidade Universitária.

Visita ao professor responsável: Paul Claval, em Eaubonne.

Entrevista preliminar.

Início do trabalho.

Outubro: começo das atividades formais (planejadas) da pesquisa.

Novembro: sistematização inicial dos resultados.

Dezembro: nova entrevista com Paul Claval ou pessoa por ele indicada.

Janeiro/89: início de feitura de relatório à FAPESP.

Fevereiro: término da pesquisa em Paris e formalização do relatório.

Março: viagem para Madrid (Espanha) e Albacete.
 Entrevista com o professor responsável Miguel Panadero Moya,
 em Albacete.
 Contato com a Universidade de Castilla-La Mancha.
 Início do trabalho.
 Abril: começo das atividades formais (planejadas) da pesquisa.
 Maio: Ida para Madrid.
 Desenvolvimento da pesquisa.
 Junho: sistematização dos primeiros resultados.
 Julho: novas observações e início de relatório à FAPESP (inclu
 indo os resultados de Paris).
 Agosto: término da pesquisa em Madrid e formalização do rela-
 tório.
 30/08/89: viagem de retorno a São Paulo.

Prorrogação do auxílio já solicitada.
 Setembro de 1989: viagem em conexão para Buenos Aires ou vôo
 autônomo.
 Chegada a Buenos Aires (Argentina).
 Contato com a Universidade.
 Entrevista com o Professor Marcelo Escolar.
 Início do trabalho.
 Outubro: começo das atividades formais (planejadas) da pesqui
 sa.
 Novembro: sistematização inicial dos resultados.
 Dezembro: nova entrevista com o professor responsável Marcelo
 Escolar ou pessoa por ele indicada.
 Janeiro/90: início de feitura de relatório à FAPESP.
 Fevereiro: término da pesquisa em Buenos Aires e formaliza-
 ção dos resultados.
 28/02/90: viagem de retorno a São Paulo, Brasil.

Bibliografia de Apoio Epistemológico

- Berman, Marshall, Tudo o que é Sólido Desmancha no Ar. A Aventura da
 Modernidade, tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L.
 Ioriatti, 2ª reimpressão, Companhia das Letras, São Paulo, 1987.
- Campa, Riccardo, A Época das Incertezas e as Transformações do Estado
 Contemporâneo, tradução de Aurora Fornoni Bernardini, DIFEL, São
 Paulo, 1985.
- Claval, Paul, Espace et Pouvoir, Presses Universitaires de França, 1^{re}
 édition, Paris, 1978.

- Habermas, Jurgen, A Cultura Ocidental e a Perda de Confiança em si Mesma, tradução de Marilena Vianna in Presença, Revista de Política e Cultura, nº 9, Rio de Janeiro, fevereiro de 1987.
- Lefebvre, Henri, Espacio y Política. El Derecho a la Ciudad, II, traducción de Janine Muls de Liarás, y Jaime Liarás García, Ediciones Península, Barcelona, 1976.
- Peixoto, Nelson Brissac, A Sedução da Barbárie. O Marxismo na Modernidade, Editora Brasiliense, 1982.
- Silva, Armando Corrêa da, O Pós-Marxismo e o Espaço Cotidiano, Comunicação apresentada na 39ª Reunião Anual da SBPC, Brasília, DF, 12 a 18 de julho de 1987.

Nota - A bibliografia de apoio epistemológico parece reduzida, mas isto é deliberado, no intuito de diminuir o trabalho das articulações metodológicas e de pesquisa, sendo os autores citados suficientes para a realização da pesquisa, além do enfoque pessoal que se pretende alcançar. A bibliografia empírica não é mencionada porque dependerá muito do universo das comunicações e informações de cada lugar, numa pesquisa deste tipo.

São Paulo, 28 de março de 1988.

ARMANDO CORRÊA DA SILVA
Professor Adjunto do
Departamento de Geo -
grafia da Faculdade de
Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da
Universidade de São
Paulo - Brasil.